

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

TROCANDO HISTÓRIAS (E LEITURAS) NA WEB: A TRAJETÓRIA DO GRUPO *SNAPETES*

Catarina M. M. Machado Barboza¹

INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta o panorama inicial de uma pesquisa cujo propósito é discutir a criação coletiva de *fan fictions*², a partir da interação entre membros de *fandoms*³ *on-line*. Mais especificamente, estudamos o caso do grupo autodenominado *Snapetes*, formado por jovens adultas que, inspiradas na saga *Harry Potter*, tomam como objeto ficcional o personagem *potteriano* Severus Snape. Dado o espaço exíguo, esta comunicação ficará limitada à recuperação e descrição reflexiva de parte da trajetória do grupo. A fundamentação teórica, por sua vez, baseia-se nos estudos de *fan culture*⁴ e, ainda, nos conceitos de hipertexto e práticas hipertextuais coletivas.

A pesquisa está sendo desenvolvida a partir de um procedimento metodológico de cunho etnográfico, nos termos de Hine (2004), conforme apresentado em Fragoso, Recuero, Amaral (2011). Nesse sentido, ao investigar *fan fictions* do *fandom Harry Potter* em *websites* e *weblogs* brasileiros, constatei a presença de narrativas de conteúdo adulto dedicadas ao personagem Severus Snape; observei ainda a recorrência de certas *ficwriters*⁵ que pareciam dedicar-se exclusivamente à criação de ficções centradas nesse personagem. Após identificar o grupo *Snapetes*, realizei um levantamento de sua trajetória *on-line*, através de observação imersiva em *websites* e *weblogs* brasileiros. Posteriormente, como parte do processo etnográfico, passei a interagir com as componentes do grupo (por exemplo, participando de *chats* coletivos, colaborando nas atividades de elaboração/revisão de *fan fictions*, dentre outras atividades). Essa abordagem permitiu uma aproximação com os membros do grupo, o que propiciou um conhecimento mais aprofundado da construção de autoria (individual e coletiva) e do papel do *fandom* nesse processo.

1 FÃS, FANDOMS E A PRODUÇÃO DE FAN FICTIONS: BREVE PANORAMA

¹ Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), sob a orientação da professora Dr.^a Raquel Recuero; professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL). *E-mail*: catarinabarboza@gmail.com.

² *Fan fiction* (ou *fanfiction*) é um termo originário da língua inglesa que significa, literalmente, “ficção de fã”; também são empregadas, no universo *on-line*, as formas abreviadas *fanfic* ou *fic*.

³ Etimologicamente, *fandom* é a junção das palavras inglesas *fan* e *kingdom* (reino), podendo ser entendida, portanto, como “reino dos fãs”, “domínio dos fãs” ou ainda “comunidade” ou “clubes de fãs”.

⁴ Em tradução literal, “cultura de fãs” (ou ainda *fan studies*, “estudos de fãs”), expressão inglesa referente ao campo de estudos que abrange a figura dos fãs e suas relações comunitárias nos chamados *fandoms*, incluindo a produção de *fan fictions*.

⁵ Termo originário da língua inglesa; corresponde a “escritor(a) de *fic* (ou *fan fiction*)”.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A *fan fiction* é uma prática de escrita definida por Vargas (2005) como “uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática” (p. 21). A pesquisa sobre *fan fictions* está ligada à chamada *fan culture* e ao estudo de *fandoms* e é, naturalmente, indissociável de seu produtor – o fã.

Conforme Jenkins (1992a), dentre outros pesquisadores, os primeiros estudos sobre fãs remontam à metade do século XX e os retratam de forma estereotipada, como indivíduos que fogem a um padrão de “normalidade” aceito socialmente – do solitário obcecado por uma figura célebre ou time esportivo ao membro de uma multidão frenética, os fãs são descritos como fanáticos consumidores passivos dos produtos da cultura de massa, ignorantes da alta cultura. Jenkins, inclusive, atribui parte dessa visão à própria etimologia da palavra *fã*, ligada ao termo latino *fanaticus*. É na segunda metade do século XX (intensificando-se a partir das décadas de 80 e 90) que os estudos começam a apontar as atividades dos fãs como um fenômeno criativo e, mesmo, crítico e reflexivo, ligado às mídias de massa.

A perspectiva de estudo de Jenkins (1992a), por exemplo, lança mão do conceito dos leitores enquanto caçadores de textos alheios, desenvolvida por De Certeau (1994), e apresenta o fã como um *textual poacher*⁶. Assim, ele procura explicitamente desfazer a imagem do sujeito desvairado (por celebridades, equipes esportivas, histórias), alienado e consumidor passivo. Nesse sentido, defende que o fã é uma espécie de leitor especializado que, ao invés de consumir passivamente um produto midiático (seja ou não obra literária), realiza um trabalho de recriação, o qual apresenta traços de originalidade, o que comprova a sua não passividade diante do objeto de culto.

Os estudos de Jenkins (1992a e b) sobre *fandoms* anteriores à era digital (concentrado, em especial, no *fandom* da série de ficção científica *Star Trek*) demonstra que as criações de fãs (*fan fictions*, *fan arts*⁷) atingiam um público bastante restrito, que comparecia aos encontros/convenções de determinados *fandoms*, uma vez que eram publicadas em *fanzines*⁸ e, em geral, distribuídas nesses encontros. É a partir da metade da década de 90 do século XX, com o avanço da rede mundial de computadores, que essas produções ganharam visibilidade, uma vez que passaram a ser produzidas e publicadas em meio virtual, tornando o fenômeno popular e aproximando membros de

⁶ A expressão inglesa *textual poacher* pode ser entendida como “caçador furtivo de textos”. Esse conceito de Jenkins (com base em De Certeau, 1994) torna-se seminal para os estudos de *fan culture* e da figura do fã; corroborando-o ou refutando-o, vários autores, p. ex., Lewis (1992), Hellekson & Busse (2006), Coppa (2006) e Booth (2008) o retomam em seus estudos.

⁷ Desenhos ou outras formas de expressão audiovisual (literalmente, “arte de fã”) que, como as *fan fictions*, também envolvem o universo de uma obra original.

⁸ Junção das palavras inglesas *fan* e *magazine* (revista), *fanzines* são revistas de caráter amador, confeccionadas por fãs.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

fandoms espalhados pelo mundo. Assim, foram criados *websites*, *multifandoms* ou de *fandoms* específicos, para hospedar exclusivamente *fan fictions* (em alguns casos, também *fan arts* e *fan vids*⁹).

Nesse sentido, Booth (2008) destaca o fato de que a tecnologia digital propicia um ambiente de troca e compartilhamento muito mais intensos. Nas palavras do autor, “Os novos fãs usam a tecnologia digital não apenas para criar, alterar, apropriar, caçar ou escrever, mas também para compartilhar, experimentar em conjunto, tornar-se vivo com a comunidade de fãs”¹⁰ (p. 516). O processo de construção de textos fanficcionais, por exemplo, apresenta, como um dos princípios essenciais, a experiência da troca de ideias sobre a criação narrativa, podendo, inclusive, envolver a revisão (ou *betagem*¹¹) de *fanfics*.

2 CONCEITO E TIPOLOGIA DE HIPERTEXTOS

Se *fandoms* e *fan fictions* inicialmente estavam associados a eventos *off-line* (convenções ou encontros de fãs), atualmente são quase indissociáveis do universo *on-line*. Dessa forma, os conceitos de hipertexto e escrita hipertextual coletiva parecem constituir uma importante fundamentação para o estudo de *fan fictions on-line*, principalmente levando-se em conta as relações entre as interferências do grupo e o trabalho de criação do(a) *ficwriter*. Como vimos anteriormente, na *Web*, a produção de *fanfics* apresenta características próprias ao ambiente virtual e, para compreender tais características, discutiremos a seguir o conceito de hipertexto.

Termo cunhado por Theodore Nelson no início da década de 1960, o hipertexto é definido por George Landow (1992, *on-line*) como o “texto composto de blocos de texto [...] e *links* eletrônicos que os unem”. Pierre Lévy (2010, p. 33) enfatiza que, em razão da tendência dos ambientes hipertextuais à não linearidade, navegar em um hipertexto significa “desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira”¹². Esse raciocínio conduz à concepção de um leitor mais autônomo e ativo, que co-constrói o texto à medida que vai percorrendo *hyperlinks*. Nesse sentido, Castells (2003, p. 166) ressalta que “Nossas mentes – não nossas máquinas – processam cultura, com base em nossa existência”; dessa forma, “o hipertexto está dentro de nós”. Portanto, nos ambientes hipertextuais, o

⁹ Denominação para os vídeos amadores, disponíveis na *Web*, produzidos por fãs.

¹⁰ Tradução nossa para: “New fans use digital technology not only to create, to change, to appropriate, to poach, or to write, but also to share, to experience together, to become alive with the fan’s community” (BOOTH, 2008, p. 516).

¹¹ Termo derivado da expressão inglesa *beta-reader* (ou “leitor beta”); conforme Vargas (2005, p. 39-40), o *beta-reader* faria uma espécie de leitura de teste, observando criticamente possíveis incoerências ou outros problemas do texto.

¹² Tradução livre para: “Hypertext, as the term is used in this work, denotes text composed of blocks of text [...] and the electronic links that join them”. Disponível: <http://www.cyberartsweb.org/cpace/ht/jhup/history.html#1>. Acesso: jun. 2011.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

leitor passa a ter um papel ativo e criativo no processo de leitura. Quando o hiperleitor também interfere na rede de *links*, temos uma construção hipertextual e coletiva.

A esse respeito, Primo (2003) apresenta uma tipologia de hipertextos e discute os níveis de interatividade em meio digital.

Enquanto no *hipertexto potencial* apenas o leitor se modifica, permanecendo o produto digital com suas características originais, no *hipertexto cooperativo* todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento. Já o *hipertexto colaborativo* constitui uma atividade de escrita coletiva, mas demanda mais um trabalho de administração e reunião das partes criadas em separado do que um processo de debate (nesses casos, inclusive, uma única pessoa pode assumir as decisões do que publicar). (p. 15 [grifos nossos]).

Segundo o autor, na escrita hipertextual coletiva, há níveis de interatividade, sendo menor no hipertexto potencial, intermediária no hipertexto colaborativo e maior no hipertexto cooperativo. Nos dois últimos (especialmente no hipertexto cooperativo), a criação parece dar-se a partir de interações mútuas entre os interagentes, proporcionando discussões coletivas. Assim, o internauta poderá ter um papel mais ativo, não se limitando a percorrer *links* e trilhas preestabelecidos – pode opinar, concordar, discordar, criar novas trilhas, nós e *links*, construindo e modificando coletivamente a estrutura da própria *Web* (PRIMO & RECUERO, 2003, p. 4).

Com o aprimoramento das tecnologias digitais, os fãs migraram para os ambientes virtuais, constituindo *fandoms on-line*, que proporcionam maior interação entre seus membros, independente da localização geográfica. É nesse sentido que o processo de produção em *fandoms on-line* e as próprias *fan fictions*, ao migrarem para os ambientes hipertextuais *on-line*, podem caracterizar-se como escrita coletiva. A seguir, veremos como tal processo é perceptível na produção coletiva do grupo *Snapetes*, conforme apresentamos na introdução.

3 A TRAJETÓRIA DO GRUPO SNAPETES

O grupo *Snapetes* surgiu na *Web* por volta de 2005, segundo depoimentos das próprias integrantes, após duas *ficwriters* brasileiras dedicadas à leitura e escrita de *fanfics* protagonizadas pelo personagem *potteriano* Severus Snape entrarem em contato. Após compartilharem contatos de outras *ficwriters* com os mesmos interesses, passaram a manter conversações regulares através do MSN, por meio de uma janela de *chat* coletivo que passou a ser chamada de *Janelão*. Nessa época, as discussões em torno da saga *Harry Potter* – por exemplo, o destino do menino bruxo que a protagoniza e o verdadeiro caráter do dúbio professor de Poções, Severus Snape, dentre outras –

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

estavam bastante intensas¹³, e a motivação para a escrita de *fanfics* era proporcional a esse entusiasmo. Assim, as conversas no *Janelão* das *Snapetes* rapidamente também se tornaram muito frequentes e intensas. Não demorou muito para que, em meio às conversações, começassem a surgir narrativas de curta ou média extensão, criadas coletivamente entre as autoras que interagiam no bate-papo coletivo. Independentemente disso, as criações surgidas no *Janelão* continuaram ocorrendo e tornaram-se uma prática do grupo.

Assim, ao longo da trajetória das *Snapetes*, é possível identificar os quatro espaços virtuais mais significativos para a produção coletiva do grupo: o *chat* coletivo denominado *Janelão*, mencionado anteriormente (espaço conversacional que funcionou por mais de seis anos no MSN e, em janeiro de 2013, migrou para o Facebook); o perfil *As Snapetes* (disponível, desde janeiro de 2008, no Fanfiction.net, *website multifandom* de publicação de *fan fictions*, que hospeda algumas das histórias produzidas no *Janelão*, desde 2005); o *weblog Trocando segredos na madrugada* (disponível na plataforma LiveJournal, com registro de atividades entre agosto de 2006 e outubro de 2008); o *weblog Caldeirão do Snape* (disponível na plataforma Wordpress, com registro de atividades desde agosto de 2010). A seguir, procuraremos pontuar o que caracteriza a produção das *Snapetes* em cada um dos três últimos ambientes *on-line* mencionados acima.

3.1 As *Snapetes*: do *Janelão* do MSN ao Fanfiction.net

Em janeiro de 2008, foi criado um perfil coletivo no *website* Fanfiction.net, onde algumas das *fan fictions* produzidas no *chat* coletivo *Janelão* desde 2005 (em geral, *drabbles*, *ficlets*, *one-shots* ou *shortfics*¹⁴) foram publicadas e ainda estão disponíveis. Muitas dessas narrativas, normalmente surgidas espontaneamente, em meio aos bate-papos, consistiam em pequenos desafios de temáticas variadas, sempre tendo como centro o personagem Severus Snape. Essas criações, bastante espontâneas, trabalham o humor e fortalecem os laços entre as integrantes do grupo. Em seus depoimentos informais, as autoras ressaltam que, principalmente nessas primeiras produções, a influência do grupo no processo de escrita foi fundamental. Inclusive, algumas integrantes que atuavam no *fandom* apenas como fãs-leitoras começaram a escrever nessa fase, devido à pressão do grupo para tal.

¹³ *Harry Potter e o enigma do príncipe*, penúltimo livro da saga, seria lançado no Brasil em novembro de 2005; porém, parte dos fãs brasileiros já havia lido o original, lançado em junho do mesmo ano.

¹⁴ No vocabulário desenvolvido nos *fandoms* para a produção de *fan fictions*, *drabble* é uma *fanfic* de até 100 palavras; *ficlet*, uma *fic* de até três páginas; *oneshot*, uma *fic* de um único capítulo (longo ou curto); e *shortfic*, uma *fanfic* de poucos capítulos. Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fanfic>>. Acesso: mai. 2012.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Considerando as *fan fictions* produzidas no *Janelão* e posteriormente publicadas no perfil *As Snapetes*, no *website* Fanfiction.net¹⁵, destacam-se as coletâneas de *drabbles*, por constituírem grande parte da produção do grupo nesse ambiente de bate-papo informal (apesar de terem sido postadas apenas quatro coletâneas no perfil do *site* Fanfiction.net)¹⁶. As coletâneas de *drabbles* *O nariz*; *Desafio de Natal: drabbles*; *Trocando drabbles na madrugada* e *Drabbles Sev dodói* são narrativas independentes, criadas individualmente por diferentes autoras; porém, o que as reúne como uma escrita coletiva é a temática predeterminada no *chat* coletivo.

3.2 Do Janelão do MSN ao LiveJournal: Trocando Segredos na Madrugada

Quando os desafios criativos tornaram-se mais elaborados – relatam as *Snapetes* –, surgiu a necessidade de um espaço que os suportasse. Assim, de agosto de 2006 a outubro de 2008, o grupo manteve publicações em um *weblog* na plataforma LiveJournal, intitulado *Trocando segredos na madrugada*¹⁷. No LiveJournal, as *Snapetes* organizaram eventos virtuais que demandavam tempo para sua execução. Tais eventos consistiam de desafios criativos de *Amigo Oculto* (AO), dentre outros (por exemplo, os desafios *Pré-Deathly Hallows* e *Salve o Snape*), além de presentes virtuais de aniversário a integrantes do grupo, na forma de narrativas curtas (coletâneas de *drabbles*). Os desafios de *Amigo Oculto*, por exemplo, baseavam-se na conhecida brincadeira do amigo secreto, com a diferença de que ocorriam no ambiente *on-line*, e o presente à amiga oculta era uma *fan fiction* (ou *fan art*), de acordo com as solicitações postadas com antecedência. Nesse *blog*, predominam *fan fictions* de maior extensão, e as *fan arts*, muitas vezes, constituem capas para algumas *fanfics*.

A exemplo das coletâneas de *drabbles* publicadas no perfil coletivo do *site* Fanfiction.net, no LiveJournal, as narrativas foram escritas individualmente, a partir de eixos temáticos propostos coletivamente. Dentre os desafios que movimentaram as *Snapetes*, destacam-se os de Amigo Oculto, que consistiam, após o sorteio *on-line* das amigas secretas, em postar o pedido de presente (uma história criada especialmente para a internauta, com base no enredo sugerido por ela). Um prazo era estabelecido para a postagem anônima das *fan fictions*, apenas com a identificação da presenteada com a história. Enquanto as histórias estavam sendo publicadas anonimamente, o grupo

¹⁵ Perfil *As Snapetes*, disponível em: <http://www.fanfiction.net/u/1469233/As_Snapetes>. Acesso em: jul. 2013.

¹⁶ *Drabbles*, conforme já explicitamos em nota anterior, são narrativas bastante curtas, de exatamente 100 palavras (ou 200, no caso da *double drabble*). Segundo Pugh (2005, p. 169), as *fan fictions* extremamente curtas teriam sido denominadas *drabbles* por sua suposta inventora, a autora Margaret Drabble. Pugh aproxima ainda o gênero dos mini e microcontos produzidos por autores contemporâneos, representantes da literatura canônica.

¹⁷ *Weblog Trocando segredos na madrugada*, disponível em: <<http://snapetes.livejournal.com/>>. Acesso em: jul. 2013.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

se manifestava, opinando sobre a provável autoria das *fanfics*. Por fim, a administradora publicava a revelação das autoras. Assim, o ambiente virtual do *blog* contava com uma boa interação entre as *ficwriters* (espaços de comentários, revelação dos AOs).

3.3 Caldeirão do Snape: um encontro entre autoras e personagem

O *Caldeirão do Snape*¹⁸ é outro *weblog* criado e mantido pelo grupo *Snapetes*, que está no ar desde agosto de 2010. O *blog* apresenta *posts* de temáticas e gêneros variados. Neles podem ser encontradas *fan fictions* (em geral, de curta extensão, como *drabbles* e *ficlets*), *fan arts*, *fan vids*; e mesmo análises críticas sobre a saga, o personagem cultuado e a própria produção de *fan fictions*. Por vezes, os *posts* constituem narrativas formadas, em parte, por um ou mais produtos fanficcionalis, retirados de outros *sites*, podendo ter sido criados por outros(as) *ficwriters/fanartistas*. Por vezes ainda, a narrativa inicia ou é complementada no bate-papo do *Janelão*. De todo modo, o personagem Severus Snape e a(s) autora(s), em pelo menos um momento do *post*, entabulam um diálogo a respeito do conteúdo ali apresentado, caracterizando um encontro entre *ficwriters* e personagem. Além disso, as próprias autoras do *blog* e outras internautas se engajam em conversações em que as situações ficcionalizadas, abordadas no *post*, são retomadas. Portanto, ao interagirem com o Mestre de Poções, as *Snapetes* transmutam-se de autoras em personagens ficcionais, constituindo o que Jenkins (1992a) chama de personalização (ou, na linguagem de *fandom*, *self inserction* ou autoinserção).

Por outro lado, observamos ainda, associada à personalização, o deslocamento do personagem para um Universo Alternativo. Neste último caso, o espaço ficcional representado ora é o universo de Hogwarts, ora é um espaço semelhante ao universo habitado pelas autoras em sua vida *off-line*. Um exemplo são os *posts* publicados entre 20 de julho e 27 de novembro de 2011, num total de onze, os quais tematizam as férias do professor Snape no Brasil, na companhia das *Snapetes*. Ao longo da série de *posts*, a narrativa que vai sendo contada mostra a autoinserção das *ficwriters* no ambiente ficcional, bem como a inserção do personagem em um cenário estranho ao universo ficcional de que faz parte – um universo alternativo. Assim, por vezes, os *posts* constituem sequências que se complementam; porém, mesmo quando não há uma sequência, percebe-se que uma narrativa se desenrola ao longo dos *posts*.

3.4 A escrita hipertextual coletiva

¹⁸ *Weblog Caldeirão do Snape*, disponível em <<http://snapetes.wordpress.com/>>. Acesso: jul. 2013.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Ao estudarmos a produção coletiva de *fan fictions* do grupo *Snapetes*, considerando essa produção como um todo, observaremos a predominância do hipertexto cooperativo, uma vez que todas as envolvidas “compartilham a invenção de uma narrativa comum, exercendo e recebendo impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento” (PRIMO, 2003, p. 15), qual seja a construção de uma narrativa em que, gradualmente, elas vão adentrando o mundo ficcional do personagem que cultuam. Nesse caso, a narrativa construída pelo grupo ultrapassa a noção de uma narrativa tradicional, delimitada em um único texto. Essa construção cooperativa parece atingir seu ápice no *blog Caldeirão do Snape*.

Já nas primeiras *fan fictions* criadas coletivamente – em especial as micronarrativas, conhecidas no universo dos *fandoms* como *drabbles* –, produzidas no *Janelão* e posteriormente publicadas no perfil *As Snapetes* do *website* Fanfiction.net, é possível percebermos a continuidade da tendência à construção coletiva de histórias em torno do personagem. Se considerarmos essas narrativas em particular, verificaremos a predominância do hipertexto colaborativo. As coletâneas de *drabbles O nariz; Desafio de Natal: drabbles; Trocando drabbles na madrugada*, por exemplo, partem de um eixo temático (ou desafio) proposto pelo grupo, apesar de cada *drabble* ter sido desenvolvida individualmente. Assim, cada *drabble* possui uma autoria individual, não havendo sequência narrativa entre elas; apenas mantém-se a temática proposta em cada desafio. Ao final, as partes criadas separadamente são reunidas e publicadas para todo o grupo.

Ao considerarmos os desafios propostos no *blog Trocando segredos na madrugada* de uma forma geral, perceberemos a predominância do hipertexto colaborativo, visto a dinâmica de produção a partir de desafios facilitar a construção de atividades coletivas que demandam “mais um trabalho de administração e reunião das partes criadas em separado do que um processo de debate” (PRIMO, 2003, p. 15). Assim, apesar de serem *fan fictions* individuais, as criações ocorrem a partir de eixos temáticos propostos coletivamente, sejam eles pedidos de presente de amigo oculto, desafios temáticos ou presentes de aniversário de componentes do grupo. Algumas *fan fictions* consideradas em particular, no entanto, poderiam ser consideradas exemplos de hipertexto cooperativo. É o caso, por exemplo, das *fanfics Somente amigos? e Além de um conto de inverno*, em que nove e onze autoras, respectivamente, se dividem na criação da narrativa, ficando, em cada caso, cada uma responsável por um capítulo. Nesses casos, a escrita resulta em um todo coeso e coerente, pois as autoras obedecem a uma sequência narrativa.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Conforme procuramos demonstrar anteriormente, a proposta do *blog Caldeirão do Snape* é a da representação da interação entre as autoras e o personagem. Nesse sentido, as autoras envolvidas no projeto do *blog* parecem “compartilhar a invenção do texto comum” e das situações ficcionais criadas, exercendo e recebendo impacto do grupo (PRIMO, 2003). Isso se torna mais evidente nos *posts* em série, em que a narrativa do *Caldeirão do Snape* se aproxima do hipertexto cooperativo. Assim, cada *post* conta parte de uma narrativa maior – conforme afirmamos acima – a qual formaria uma rede hipertextual (LÉVY, 2010; PRIMO, 2003) e ficcional relacionada ao objeto de culto do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da trajetória do grupo *Snapetes* demonstra que a criação de *fan fictions* em *fandoms on-line* é um processo dinâmico. O *Caldeirão do Snape*, cujas postagens, por vezes, relacionam-se às conversações do *Janelão*, evidencia (e, mesmo, consolida) as atividades do grupo *Snapetes* enquanto construção de uma narrativa coletiva de características hipertextuais.

Para encerrar esse estudo inicial da produção coletiva do grupo *Snapetes*, destacamos que algumas atividades do grupo se sobrepõem em determinados momentos. Assim, os bate-papos no *Janelão*, por exemplo, continuam ocorrendo, embora tenham migrado, desde o início de 2013, do MSN para o Facebook e os desafios criativos no *chat* não sejam muito frequentes atualmente. O *blog Trocando segredos na madrugada*, por sua vez, sem promover novas atividades desde 2008, parece ter dado lugar ao *Caldeirão do Snape*. As postagens deste último – por vezes, intensamente relacionadas às conversações do *Janelão* – parecem consolidar as atividades do grupo enquanto construção de uma narrativa coletiva e hipertextual.

O aprofundamento da pesquisa pretende verificar se é possível afirmar que as atividades coletivas proporcionariam a criação de um novo tipo de *fan fiction*, que não se concentra em um único espaço virtual, mas faz parte de uma rede hipertextual construída pelos membros desses grupos.

Referências bibliográficas

BOOTH, Paul. *Rereading Fandom: MySpace Character Personas and Narrative Identification*, *Critical Studies in Media Communication*, v. 25, n. 5, p. 514-536, dez. 2008. Disponível: http://depaul.academia.edu/PaulBooth/Papers/133890/Re-Reading_Fandom_MySpace_Character_Personas_and_Narrative_Identification. Acesso: mai. 2012.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: _____. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COPPA, Francesca. A brief history of media fandom. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (org.). *Fan fiction and fan communities in the age of the internet: new essays*. Jefferson: McFarland, 2006. p. 5-32.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (org.). Introduction: Work in Progress. In: _____. *Fan fiction and fan communities in the age of the internet: new essays*. Jefferson: McFarland, 2006. p. 5-32.

HINE, Christine. Introducción. In: _____. *Etnografía Virtual*. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Disponível: <www.antropologiavisual.com.ar/archivos/hine0604.pdf>. Acesso: ago. 2011.

JENKINS, H. *Textual poachers: television fans and participatory culture*. New York: Routledge, 1992a.

_____. "Strangers No More, We Sing": Filking and the Social Construction of the Science Fiction Fan Community. In: LEWIS, Lisa. *The adoring audience: fan culture and popular media*. London: Routledge, 1992b.

LEWIS, Lisa. *The adoring audience: fan culture and popular media*. London: Routledge, 1992.

LANDOW, G. P. *Hypertext: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore: Johns Hopkins. Disponível: <<http://www.cyberartsweb.org/cpace/ht/jhup/contents.html>>. Acesso: jun. 2011.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 2010.

PRIMO, A. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. *Revista da FAMECOS*, n. 12, p. 81-92, jun. 2000. Disponível: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf>. Acesso: set. 2011.

_____. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003. Disponível: <[http://www.nuted.ufrgs.br/edu3375_2009_2/links/semana_9/quao_interativo_hipertexto\[1\].pdf](http://www.nuted.ufrgs.br/edu3375_2009_2/links/semana_9/quao_interativo_hipertexto[1].pdf)>. Acesso: set. 2011.

_____. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. *404NotFound*, n. 45, 2005. Disponível: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOfound/404_45.htm>. Acesso: abr. 2011.

PRIMO, A.; RECUERO, R. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos *blogs* e da Wikipédia. *Revista da FAMECOS*, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003. Disponível: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto_cooperativo.pdf>. Acesso: set. 2011.

PUGH, S. *The democratic genre: fan fiction in a literary context*. Glasgow: Seren, 2005.

VARGAS, M. L. B.. *O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: UPF, 2005.